

Nina Rodrigues e a Religião dos Orixás

Nina Rodrigues and the Orixás Religion

Sergio F. Ferretti

Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA, S. Luís, MA, Brasil

Comentário sobre o centenário da morte de Nina Rodrigues. Apresenta síntese e comentários sobre os livros *O animismo fetichista dos negros bahianos*, publicado em 1896 e traduzido em francês em 1900 e *Os africanos no Brasil* publicado cerca de trinta anos após o falecimento do autor. Ambos os livros apresentam inúmeras informações sobre o trabalho de campo realizado pelo autor que é o pioneiro destes estudos e abriu caminhos para pesquisas posteriores. Mostra sua afinidade e interesse pelos estudos do negro no Brasil. Descreve o momento público das festas, vestes e contas usadas e detalhes da iniciação, demonstrando a proximidade entre o autor e os elementos pesquisados. Nina Rodrigues escrevia bem e fundamentava seus escritos em pesquisas de campo minuciosas. É lamentável que hoje em dia a maioria dos seus trabalhos não estejam disponíveis ao público. Mostra que práticas dos negros e brancos em toda parte encontram-se associadas, que não são apenas práticas de negros pois os brancos estão aptos a tornarem-se negros. Considera que as praticas religiosas, sobretudo a religião dos nagôs foram as principais instituições africanas conservadas entre nós, tendo em vista o seu predomínio numérico, a melhor organização do sacerdócio e a maior difusão da língua. Nina Rodrigues foi o pai fundador dos estudos afro-brasileiros, o pioneiro nessa área, e sua contribuição foi fundamental para estabelecer diretrizes deste campo de estudos.

Palavras-chave: Nina Rodrigues, centenário da morte, religião dos orixás, nagôs, mitologia e liturgia, trabalho de campo.

*A commentary on the centenary of Nina Rodrigues' death. A presentation of synthesis and comments about the books *O animismo fetichista dos negros bahianos* (The fetishist animism of black baianos), published in 1896 and translated into French in 1900 and *Os africanos no Brasil* (Africans in Brazil) published about thirty years after the death of its author. Both books present a great deal of information about the fieldwork done by the author, a pioneer of these studies, who blazed a trail later followed by other researchers. His affinity and interest for the study of Negroes in Brazil is clear. The public moments of the parties are described, clothing, stories that were told and details of initiation, this clearly demonstrating the proximity of the author to his research subject. Nina Rodrigues wrote well and supported his writings in research done in a minute field. It is lamentable that today most of his work is not available to the public. It shows that practices of Negroes and whites are always linked to each other since whites are apt to become negroes. It is considered that religious practice above all the religion of the nagôs, are the main African institutions conserved amongst us, considering numerical predominance, the most well organized priesthood and the greatest diffusion of the language. Nina Rodrigues was the founding father of afro-brazilian studies, pioneer in this area and his contribution was fundamental in establishing the directions later taken in this area of study.*

Key words: Nina Rodrigues, centenary of death, religion of the Orixás, Nagôs, mythology and liturgy, fieldwork.

Recebido em 6/9/2006

Aceito em 20/11/2006

Endereço para correspondência: Prof. Sergio F. Ferretti, Av. do Vale 14 apt. 401, Ed. Titanium, Bairro Renascença II, CEP 65075-829 – São Luís, MA, Brasil. Tel./FAX: (98) 3235-1291. E-mail: ferretti@elo.com.br.

Gazeta Médica da Bahia

2006;76(Suplemento 2):54-59.

© 2006 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

No dia 17 de julho de 1906 o médico maranhense Raymundo Nina Rodrigues, precursor dos estudos do negro no Brasil, faleceu em Paris, com apenas 43 anos. Nina Rodrigues estudou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Segundo o professor Lamartine Lima⁽³⁾, Nina Rodrigues não era mulato, mas descendente de judeus sefarditas.

Segundo Domingos Vieira Filho⁽⁸⁾, a rua do Sol, em São Luís, recebeu o nome atual de Nina Rodrigues no ano de seu

falecimento em homenagem àquele médico maranhense que, após a sua formação universitária, trabalhou cerca de dois anos no Maranhão. Antes de regressar à Bahia ele residiu e manteve um consultório no prédio que tem hoje o nº 95, em frente ao Teatro Arthur Azevedo, onde, em 1962, no centenário de seu nascimento, foi colocada uma placa de mármore alusiva ao evento. Realizou pesquisas alimentares publicando seus resultados no *Jornal Pacotilha* e por causa de um deles teria sido apelidado de Dr. Farinha Seca, um dos motivos pelo qual não se estabeleceu no Maranhão por muito tempo e se mudou para a Bahia, onde realizara parte de seus estudos superiores e onde exerceu com brilho a profissão de médico, daí porque é mais conhecido como baiano de que como maranhense.

Na Bahia, Nina Rodrigues encontrou numerosa população negra, a que mais tarde dedicou seu estudo. Trabalhou em inúmeras frentes: como professor universitário, como escritor, como antropólogo e como pesquisador das áreas de saúde pública e medicina legal. Deixou cerca de 60 artigos, vários reunidos em livros, a maioria deles publicada nos seus dez últimos anos de vida. Alguns de seus trabalhos tiveram edições publicadas em outros países, onde mantinha correspondência com pesquisadores ilustres.

Cerca de cinco anos após o seu falecimento os estudos sobre raça, conceito central em suas obras, começaram a adquirir outros enfoques, sobretudo a partir de pesquisas do antropólogo Franz Boas nos Estados Unidos. Caso tivesse vivido mais alguns anos Nina Rodrigues certamente teria revisto diversos de seus pontos de vista e afirmações sobre o negro que tornam ultrapassados, atualmente, inúmeras de suas perspectivas.

O ANIMISMO FETICHISTA

O livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, publicado na *Revista Brasileira* no Rio de Janeiro, em 1896 e depois traduzido para francês na Bahia, em 1900, mereceu resenha elogiosa de Marcel Mauss, publicada em Paris, em 1902, no *Anuário Sociológico* de 1900-1901, onde foi considerado uma elegante monografia. Trata-se do livro fundador da etnografia do estudo das religiões afro-brasileiras, cujo modelo de estudos foi estabelecido por Nina Rodrigues no século XIX, o pai fundador desta área de conhecimento entre nós, e que necessita de uma edição revista e atualizada. Animismo fetichista é a expressão, hoje preconceituosa, pela qual no século XIX, eram conhecidas as religiões dos chamados povos primitivos, hoje superada, juntamente com outros conceitos como o de totemismo.

O livro *Os Africanos no Brasil* foi deixado na gráfica quando ele viajou para a França em 1906 e fazia parte de uma *História da América Portuguesa*, inacabada. O livro só foi publicado 30 anos após a sua morte, o que Arthur Ramos denominou de conspiração do silêncio contra Nina Rodrigues. Esses dois

livros reúnem suas idéias em torno do estudo da Religião dos Orixás que queremos comentar aqui.

Apesar de ultrapassados, muitos pontos de vista do autor são até hoje importantes, especialmente nos estudos sobre religiões afro, metodologia de pesquisa, mitologia, liturgia e arte religiosa. Infelizmente, Nina Rodrigues, hoje é pouco lido, pouco conhecido e muito criticado, especialmente por suas idéias relativas as raças, atreladas a teorias da época que afirmavam a inferioridade da raça negra, do ponto de vista intelectual, físico, moral e religioso, embora reconhecesse muitas qualidades no negro. Outros aspectos de sua obra têm sido também pouco estudados pela dificuldade de localização de seus trabalhos, que não foram reeditados.

Nina Rodrigues informa ter conhecido diversos negros que aprenderam, em Lagos, a ler e escrever a língua Yorubá. Mostra que a revolta de 1835 foi liderada sobretudo por negros haussás ou malês; que devido à repressão policial, as práticas muçulmanas eram na época, muito limitadas na Bahia e que a religião dos yorubanos era muito mais importante. Considera que a concepção dos orixás é sobretudo, politeísta, que o deus supremo Olorum praticamente não recebe nenhum culto e que os orixás são fenômenos meteorológicos divinizados. Entre os orixás tem primazia Obatalá ou Orixalá, chamado de Gunoco pelos africanos de nação Tapa. Menciona, em seguida, o orixá Exú, Exú Bará ou Elegbará que os afro-bahianos tendem a confundir com o diabo, por influência do ensino católico. No terreiro do Gantois, o primeiro dia de festa é consagrado à Exu. Ogum é representado por fetiches em cuja concepção entra o ferro. Xangô, uma das figuras mitológicas mais proeminentes, é chamado Dzakoutá, o emissor de pedras de raio, o deus do trovão. Narra estórias de Xangô na África. Para ele, Xangô é a pedra de raio em que o orixá está encantado, o que prova a litolatria baiana.

Refere-se à existência de uns 15 a 20 terreiros de candomblé em Salvador e outros tantos nos arrabaldes da cidade, que conhecia e que diz terem preservado, naquela cidade, os costumes africanos com maior rigor. Comenta que os terreiros do Engenho Velho, do Garcia e do Gantois são os mais afamados e que era impossível calcular o número exato de terreiros existentes, sobretudo em Cachoeira, em Santo Amaro e em São Francisco. Menciona rivalidades entre pais e mães de terreiros africanos e crioulos. Diz que o terreiro do Gantois pode servir de modelo e dá uma idéia exata do que é um templo fetichista na Bahia. Afirma que a procura para eles de lugares ermos e de difícil acesso não é fortuito. Em alguns é impraticável o acesso a cavalo com botas de montaria. O Gantois funciona num barracão coberto de telha e paredes de taipa no centro de uma clareira. A metade anterior da casa constitui uma grande sala de dança em solo nu e batido. A parte posterior é dividida ao meio por um corredor subdividido em pequenos aposentos. Nina Rodrigues descreve o peji, onde diz ter estado diversas vezes.

Os pais e mães de terreiros têm auxiliares que dirigem a orquestra, chamam os santos nas árvores e o mestre dos

sacrifícios. A transmissão hereditária das funções não parece rigorosa, mas todos saem da confraria dos filhos-de-santo. As vestes e contas usadas variam com os santos. A iniciação é um processo longo e complicado. Conhecia crioulos e africanos que ficaram velhos e não conseguiram recursos necessários à iniciação.

Descreve as vestimentas e os momentos públicos do processo de iniciação e os feitiços que eram colocados nas ruas, como a troca simbólica de cabeças portadoras de infelicidades e venturas.

Comenta características dos diferentes orixás e seus assentamentos em pedras de procedências diversas. Diz que as árvores também podem ser um fetiche ou representar os orixás e mostra a importância da gameleira no culto de Iroco, que ninguém se atreve a abater e em cujo tronco oferecem-se sacrifícios diversos. Mas considera essa árvore mais como um altar do que o próprio deus. Afirma que a pedra, o ferro e os búzios tornam-se santos pela intervenção do sacerdote, daí a importância das coisas feitas, ou gris-gris que coexistem com uma mitologia complexa.

Diz que o culto yorubano na Bahia tem uma forma exterior complexa, brilhante e ruidosa. Sem dúvidas, Nina Rodrigues escrevia bem e fundamentava seus escritos em pesquisas de campo minuciosas. É lamentável que hoje em dia seus trabalhos não estejam disponíveis ao grande público. Esperamos que o centenário de seu falecimento inicie um movimento pela reedição de suas obras.

Como médico, interpreta o transe como sonambulismo provocado com desdobramento de personalidade ou como delírio hipnótico e faz experiências no consultório para induzir uma iniciada ao transe, razoavelmente bem sucedida, demonstrando seu interesse e acuidade nas observações. Narra caso de tratamento hipnótico no lugar da curas de feitiçaria. Tenta realizar outras experiências para dar continuidade a seus estudos, mas os iniciados se recusam a aceitar. Refere-se ao transe de fenômenos espíritas que não pode estudar. Constata a natureza histórica dessas manifestações e surpreende-se com a hipótese de não histeria na raça negra, com o que absolutamente não concorda. Para dar crédito a suas informações, cita numerosos autores, sobretudo franceses da última década do século XIX e alguns autores brasileiros.

Descreve sacrifícios aos orixás, desde as oferendas a Exu, que assistiu em candomblés e comenta e descreve ritos funerários a partir de escritos de Melo Moraes, no Rio de Janeiro, sobre o enterro de negros pobres ou dos mais importantes. Lembra que muitos ídolos africanos eram enterrados junto com os mortos no cemitério dos Lázarus. Apresenta, igualmente, um candomblé funerário e objetos do despacho, que foram apanhados por um amigo e lhe foram entregues e doados ao Museu de Medicina Legal da Bahia. Mostra a influência de idéias cristãs nas crenças dos africanos sobre a morte e os mortos. Discorre sobre festa no candomblé

do Gantois, dirigido pela africana Júlia e por sua filha Pulchéria. Refere-se a milhares de pessoas que assistem as festas nos terreiros do Gantois e do Engenho Velho. Descreve as danças ao ar livre e no salão do terreiro e afirma que no Gantois o candomblé termina com uma missa mandada dizer na última sexta-feira e com um almoço no último domingo. Menciona a importância dos negros haussás ou malês na Bahia e à inferioridade da mitologia dos bantus em relação à dos yorubás.

No último capítulo do Animismo Fetichista discute a conversão ao catolicismo dos afro-baianos. Considera que o catolicismo brasileiro recebeu influências do negro. Refere-se às navegações comerciais existentes na época entre Salvador e a África que facilitavam a importação de crenças e práticas e informa que conheceu diversos negros e negras que fizeram muitas viagens à África. Prevê que não é para tão cedo a extinção dos cultos africanos na Bahia. Refere-se a rivalidades entre pais-de-santo africanos e brasileiros. Comenta sobre a tendência à fusão de crenças trazidas da África com crenças católicas, especialmente no crioulo e no mulato, que compara com a conversão dos politeístas ao monoteísmo no tempo dos primeiros cristãos da Europa. Refere-se à identificação entre santos católicos e orixás yorubanos. Assim, Xangô equivale a Santa Bárbara, apesar das diferenças de sexo, pela relação com o trovão e os raios. Oxossi equivale a São Jorge, devido à presença do cavalo e da lança. Obatalá ou Orixalá é identificado com o Senhor do Bonfim, objeto do culto mais popular na Bahia. Sexta-feira é o dia consagrado à Obatalá e ao Senhor do Bonfim. Afirma que a imprensa reclama de providências da polícia pelos maus costumes presentes nas festas da Igreja, como na lavagem da igreja do Bonfim -, considerada como verdadeiro bacanal num templo cristão. Menciona a equivalência da identificação virgem Maria com certos orixás como Oxum ou Iemanjá. Indaga-se sobre a equivalência entre Santo Antônio e Ogum. Sem renunciar a seus deuses africanos, o negro tem profunda devoção pelos santos católicos, uma vez que os santos constituem orixás para eles. Informa que a mãe de terreiro, Livaldina, interrompia o candomblé para assistir à missa do galo no Natal; que havia negras profundamente católicas e ao mesmo tempo fetichistas e que uma negra, mãe de leite de um aluno da escola jurídica, procurava convencê-lo a não se meter a entender de santos da Costa, pois haveria de arrepender-se de tal temeridade. Informa que, na Bahia, em toda parte encontram-se cruzeiros ao lado de figas, búzios etc., que torna compreensível a associação dos ritos católico e yorubano, e que essas práticas não são apenas dos negros, pois os brancos também estão aptos "a tornarem-se negros". Segundo ele, na Bahia, todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se tornarem negras. O número de indivíduos de todas as cores que vão consultar os feiticeiros nas suas aflições é tal que se pode dizer que toda a população, com exceção de pequena minoria, participa desses cultos. Refere-se à romaria a Santo Antônio da Barra por ocasião de uma epidemia de varíola e a pedidos de interferência

do clero e da polícia contra tais práticas. Declara que não apenas o culto católico recebe influências dos negros, mas também as práticas espíritas e a cartomancia. Descreve a sua participação num terreiro ao mesmo tempo, espírita e de candomblé, onde encontrou todos os preparativos para se celebrar missas, que ouviu dizer já terem sido ali celebradas. Descreve o culto com elementos sincréticos espíritas e africanos, com caboclos e orixás. Afirma que os negros são mais fáceis de cair no santo do que os brancos. Conclui afirmando que os negros baianos são católicos e que a conversão tem êxito no Brasil, mas é uma ilusão, e não está conforme a realidade dos fatos.

OS AFRICANOS NO BRASIL

O outro livro de Nina Rodrigues sobre o negro recebeu o título *Os africanos no Brasil* e foi publicado somente em 1933, (27 anos após seu falecimento). Os originais do primeiro volume foram deixados pelo autor na editora antes de viajar para a Europa. Seu discípulo e sucessor, Oscar Freire, faleceu sem publicá-lo, o que ocorreu cerca de 30 anos depois por um seguidor de Oscar Freire. Neste segundo livro, Nina Rodrigues utiliza maiores referências bibliográficas sobre religiões e povos da África, como os trabalhos do coronel J.B. Ellis sobre os yorubás, os fons e os fantis.

Na introdução, trata de vários assuntos a cerca da inferioridade científica da raça negra, mostrando, ao mesmo tempo, a simpatia que o negro lhe inspira. Afirma que o problema social da raça negra foi sempre mal compreendido no país e que, por maiores que sejam as nossas simpatias para com o negro, a raça negra no Brasil há que constituir um dos fatores de nossa inferioridade como povo, uma de suas frases famosas, responsável pelo seu descrédito atual por parte dos movimentos negros. Continua todo o capítulo discutindo tópicos sobre a pureza racial. Faz diversas comparações sobre a presença negra nos Estados Unidos e na América Latina. No capítulo 1, discute procedências africanas do negro no Brasil. Invoca Silvio Romero, ao comentar a vergonha de até agora não termos consagrado trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas trazidas ao Brasil e argumentou que o negro deve ser considerado como objeto de ciência.

Explica que pelo ensino da medicina legal, impôs-se o dever de conhecer de perto os negros brasileiros e afirma que circulam, entre nós, idéias errôneas sobre a procedência de nossos negros. Lamenta que os poucos atores que trataram do assunto cometeram enganos que se difundiram, considerando quase todos do grupo banto e mostrando a primazia dos sudaneses na Bahia. Discute comentários do Visconde de Porto Seguro e de E. Reclus sobre a procedência dos negros; comenta a queima de documentos e estatísticas aduaneiras sobre o tráfico e se refere a documentos relativos à importação de negros nagôs e sudaneses trazidos como contrabando. Apoiado em escritos do coronel Ellis, refere-se

aos grandes comerciantes de escravos brasileiros, Francisco Felix de Sousa e Domingos Martins, que se tornaram árbitros do tráfico de escravos no Reino do Daomé. Destaca a forte ascendência de sudaneses na Bahia em comparação com os bantos no Rio de Janeiro e Pernambuco, nações africanas mais valorizadas pelo tráfico.

No capítulo II, comenta a situação dos negros maometanos no Brasil e as revoltas e insurreições de escravos ocorridas na Bahia por influência, sobretudo, dos haussás e dos nagôs, mostrando as causas religiosas dos levantes. Descreve práticas religiosas dos muçulmanos que conheceu e comenta a tradução que conseguiu, em Paris, de coleção de gris-gris e amuletos que possuía, contendo versos do Alcorão.

No capítulo III, refere-se às sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX e à Guerra de Palmares, denominada de Tróia Negra. É importante destacar que Nina Rodrigues foi dos primeiros autores a discutir as revoltas de escravos ocorridas no Brasil, tanto de Salvador quanto em outras províncias.

No capítulo IV, refere-se aos últimos africanos e nações que se extinguem no Brasil e relata que assistiu, com emoção, em 1897 uma turma de velhos nagôs e haussás atravessar a cidade e embarcar para a África. Lembra que inúmeras partidas precederam a essa. Em 1899, partiu para Lagos o patacho Aliança, levando 60 velhos africanos dos quais 12 morreram de difteria e os demais tiveram que passar uma quarentena até desembarcarem. Acredita que não passava de 500 o número de velhos africanos que ainda viviam na Bahia àquela época. Cita os numerosos locais em que se reuniam antigos africanos haussás, nagôs e jejes, oferecendo-se para pequenos serviços, e comenta as diferentes denominações utilizadas pelos escravos de procedências diversas. Refere-se aos negros nagôs, aos jejes, minas, tapas, haussás e outros, mencionando suas diferentes origens e a minoria de bantos que encontrou na Bahia. Menciona usos e costumes dos africanos, vestimentas, culinária etc.

No capítulo V, discute sobrevivências africanas, referindo-se às línguas e às artes. Transcreve e traduz vários cânticos religiosos yorubás, comentando a importância da língua nagô na Bahia. Apresenta um vocabulário de línguas africanas faladas no Brasil, entre as quais o grunche, o jeje (mahi), o haussá, o kamari e o tapa, traduzindo 122 palavras nessas línguas. Discute, ainda, elementos de diversas outras línguas africanas conhecidas na Bahia. Sobre artes, comenta a importância da escultura entre os negros e analisa coleção de objetos religiosos a que teve acesso. Explica ainda a importância das danças e sua contribuição para o gosto artístico de nosso povo, da música e de instrumentos africanos.

No capítulo VI, trata de sobrevivências totêmicas, festas populares e folclore. Narra alguns contos africanos coletados por vários autores e por ele próprio, comentando a influência exercida pelos negros na psicologia popular de nosso povo.

No capítulo VII, aborda as sobrevivências religiosas africanas na Bahia. Avalia que as práticas religiosas foram as principais instituições africanas conservadas entre nós, sobretudo a religião dos nagôs, tendo em vista o seu predomínio numérico, a melhor organização do seu sacerdócio e a maior difusão da língua. Considera a mitologia jeje-yorubana como síntese do animismo superior do negro, que predomina meio século após a extinção do tráfico, e que as divindades de outros povos, ao lado dos santos católicos, recebem culto externo mais ou menos copiados das práticas nagôs.

Lembra que seus primeiros estudos da religião tiveram inspiração apenas na observação direta e pessoal do fenômeno, uma vez que praticamente desconhecia estudos similares a que teve acesso posteriormente. Analisa que os nagôs possuem uma mitologia bem complexa com divinização de elementos naturais. Passa a tratar das diferentes divindades, a partir de Olorum, o deus do céu, discutindo o possível monoteísmo africano, com o qual não concorda, uma vez que o deus supremo existe em todos os politeísmos e está muito distante para preocupar-se com a vida cotidiana. Considera, porém, que há uma tendência ao monoteísmo nessas práticas. Descreve características e atribuições dos orixás, destacando a importância de Xangô, Oxum e Iemanjá. Ressalta a importância de Ifá, de Elegbá ou Exu, Xapanã e Ibeji. Comenta a fusão entre a mitologia ewe e yorubana, destacando a presença de Quevioçô ou Xangô e de Loco, a gameleira. Afirma que o culto da serpente dos daomeanos não se consolidou aqui devido à sua inexistência entre os nagôs.

Passa a comentar a organização do sacerdócio e da liturgia africana na Bahia a partir de características africanas do culto. Mostra que, no Brasil, os terreiros são autônomos e não se subordinam a uma hierarquia entre os grupos. Descreve as características da organização dos terreiros desde a feitura no santo. Constata que o processo descrito por Ellis para os minas, jeje e nagôs é o mesmo que ele próprio descreveu no Animismo Fetichista. Reafirma que considera o transe um estado de sonambulismo provocado dos mais curiosos e afirma que o sacerdócio yorubano perdeu, no Brasil, toda intervenção nos atos da vida civil.

Nina Rodrigues comenta medidas repressivas ao culto jeje-nagô bem como sua grande vitalidade e resistência. Mostra que, na África, esses cultos constituem verdadeira religião, mas no Brasil são considerados práticas de feitiçaria sem proteção nas leis, condenadas pela religião dominante e pelo desprezo aparente das classes influentes. Passa a analisar notícias divulgadas na imprensa em fins do século XIX e inícios do XX, especialmente da Bahia, contra as religiões afro e as práticas realizadas no candomblé do Gantois, do Engenho Velho e outros, solicitando medidas contra as mesmas. Considera que sobressai a extraordinária resistência e vitalidade dessas crenças da raça negra e que

esse culto está destinado a resistir por longo prazo. Adverte que a Constituição do País da época defende a liberdade de consciência e de culto e o Código Penal da República qualifica os crimes de violência contra a liberdade de cultos. Crítica a abusiva violação de templos pela polícia.

Lembra que os candomblés, como os conventos e seminários, são acusados de serem focos de devassidão e que o exercício ilegal da medicina é um crime nas nossas leis. Apresenta longa citação de Pastoral do Prelado D. João Correia Nery sobre práticas da chamada cabula, em que o Bispo comenta ritual religioso que se assemelha à umbanda, “numa perigosa amálgama que serve para ofender a Deus”, nas palavras do Prelado.

No capítulo VIII, apresenta comentários sobre o valor social dos povos e raças negras que colonizaram o Brasil e, no capítulo IX, comenta a sobrevivência psíquica na criminalidade dos negros no Brasil, discutindo o que considera características do atavismo e da sobrevivência nos hábitos e aquisições morais relacionadas ao estado da evolução jurídica.

CONCLUSÃO

Nina Rodrigues foi o pai fundador do campo de estudos das religiões afro-brasileiras, o pioneiro nessa área, e sua contribuição foi fundamental para estabelecer as diretrizes desse campo de estudos. Da mesma forma, os estudos sobre antropologia urbana tiveram nele um precursor, com análises de temas relacionados com a violência e a medicina legal. Partindo da medicina, campo de estudo científico dos mais avançados na época, Nina Rodrigues foi um inovador e não teve receio de incorrer em perspectivas hoje ultrapassadas. Tinha grande dedicação aos estudos e, apesar de ter falecido muito cedo, conseguiu abrir um amplo campo de estudos sobre o negro e a religião dos orixás, campo que até hoje é preenchido por numerosos seguidores que aprofundam temas por ele levantados há mais de cem anos. A forma científica com que ele aborda os problemas tratados mostra seu interesse nesse campo e sua simpatia pelo negro, sempre demonstrado, embora colocando-se numa postura teórica racista, típica de sua época e da qual ele não conseguiu se libertar. Mas seu interesse pelo tema despertou vocações de estudos nesse campo e permitiu que muitas novas perspectivas fossem abertas.

Nina Rodrigues não escreveu apenas sobre a religião dos orixás nagôs. Escreveu também sobre os voduns jeje, sobre os caboclos e outras entidades que encontrou nos cultos. Como, porém, em sua época, os nagôs deveriam ser mais numerosos entre os africanos da Bahia e como considerava que os candomblés nagôs eram os mais influentes ele escreveu, sobretudo, sobre as entidades nagôs e comentou os mitos e a religião dos orixás e suas influências na vida religiosa baiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. Nina Rodrigues: comemorações do cinquentenário de sua morte. S. Luís, 49 p., 1956.
2. FERRETTI, SF. Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. In: Cadernos de Pesquisa. UFMA, 10: 19-28.1999.
3. LIMA, LA. Roteiro de Nina Rodrigues. Salvador, UFBA/4. CEAO, 1993, Col. Ensaios e Pesquisa 2.
4. MAUSS, Marcel. Nina Rodrigues, L'animisme fetichiste des nègres de Bahia. In: L'Année Sociologique 1900-1901. Paris, Librairie Felix Alcan, p. 224-5. 1902,
5. RODRIGUES, Nina. Animismo Fetichista dos negros Bahianos. p. 555, Coleção A/C/ Brasil, Teatro XVIII: Salvador, 139 p., 2005.
6. _____. Os Africanos no Brasil. São Paulo, C E N., 253 p. 1977.
7. VIEIRA FILHO, Domingos, Breve História das Ruas e Praças de S. Luís. São Luís, s. ed., 204 p., 1971.